

POR QUE O BRASIL PRECISA DOS ESTUDOS CLÁSSICOS

WHY BRAZIL NEEDS CLASSICS

Roosevelt Araujo da Rocha Junior*

* rooseveltrocha@yahoo.com.br
Professor adjunto da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

RESUMO: Neste breve ensaio, discuto algumas ideias que podem servir de argumento para demonstrar como os Estudos Clássicos são importantes, especialmente para o nosso país. Em suma, defendo aqui que o incremento dos nossos conhecimentos nessa área é condição sine qua non para que alcancemos a nossa independência intelectual.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil; Estudos Clássicos; Independência Intelectual.

ABSTRACT: In this short essay, I discuss some ideas that can serve as arguments to demonstrate how the Classical Studies are important, especially for our country. In sum, I argue here that increasing our knowledge in this area is a sine qua non condition for us to achieve our intellectual independence.

KEYWORDS: Brazil; Classics; Intellectual Independence.

- 1• O Brasil, no passado, já foi chamado de país de ‘terceiro mundo’. E mais recentemente tem sido considerado um país ‘subdesenvolvido’ ou ‘em desenvolvimento’, ou mesmo ‘em vias de industrialização’. É claro que agora essa terminologia já está defasada, já que, depois da popularização da internet e com o avanço da automação nas indústrias, nós estamos na verdade vivendo um período de transição para um outro tipo de economia, na qual o valor de certos tipos de trabalho manual é cada vez menor. Mas o que nos interessa aqui é que talvez seja melhor considerar o Brasil como um país de desenvolvimento interrompido ou de desenvolvimento incompleto. Como dizia o professor de latim da USP, Ariovaldo Peterlini, o brasileiro é um remendado. É fato que a história econômica do nosso país é feita de períodos em que ocorreram ciclos de grande desenvolvimento logo interrompidos por sucessivas crises. Contudo, meu interesse aqui não é pensar sobre a história econômica do Brasil, mas tratar dos motivos pelos quais nosso país tem um histórico de desenvolvimento interrompido ou incompleto e qual seria a solução para esse problema.
- 2• Para solucionar esse problema, penso que nós brasileiros precisamos fazer o básico, voltar ao começo, repensar e relançar os fundamentos da nossa cultura.

Como fazer isso? Eu acredito que nós precisamos promover o que costumo chamar de ‘Renascimento Brasileiro’. O que seria isso? Precisamos promover a expansão e o fortalecimento dos Estudos Clássicos no Brasil. Como? Uma iniciativa interessante seria reintroduzir o ensino do latim no ensino médio. E junto com o latim viria o estudo da literatura, da história e da cultura romanas. E junto acabaria vindo o interesse pelo grego antigo, a literatura, a mitologia, a história e a cultura gregas em geral. Sei que isso seria difícil hoje em dia, quando o ensino da Filosofia e da Sociologia está sendo colocado em questão. Mas penso que, através de projetos de extensão e de iniciativas semelhantes, o ensino das línguas e de aspectos das culturas clássicas poderia, sim, ser reintroduzido, pelo menos em algumas escolas públicas e privadas do nosso país. O projeto *Minimus*, coordenado pela professora Paula da Cunha Correa, da USP, dá um forte testemunho a favor dessa ideia.¹ Em resumo, esse projeto visa fornecer noções básicas sobre as línguas grega e latina, além de dar informações elementares sobre as culturas clássicas antigas para alunos de uma escola estadual na cidade de São Paulo. Acredito que esse tipo de experiência pode, sim, ser emulada em outros lugares do nosso país.

1. Sobre esse projeto, ver: CORREA. *O latim e o grego em uma escola municipal de Ensino Fundamental*.

- 3• Por que promover a expansão e o fortalecimento dos Estudos Clássicos no Brasil? Ora, se nós pensarmos sobre o que levou países como Itália, França, Alemanha, Inglaterra e mesmo Espanha e Estados Unidos a ter o desenvolvimento que eles têm hoje em dia, veremos que eles chegaram a essa condição porque os Estudos Clássicos tiveram uma importante participação na formação das culturas desses países. Basta ler livros como *Fogo Grego*, de Oliver Taplin, ou *Amor, Sexo e Tragédia*, de Simon Goldhill, para entender isso. Basta pensar também no papel que a cultura clássica tem nas obras de autores como Dante Alighieri, Molière, Montaigne, Goethe, Shakespeare, Lope de Vega e os chamados ‘pais fundadores’ dos Estados Unidos.
- 4• Nunca é demais lembrar que em todos os momentos de grandes transformações sociais e tecnológicas na história do Ocidente houve retomadas e revalorização dos estudos da Antiguidade Clássica, como lembra Cerri.² O Renascimento Carolíngio (no século IX), o surgimento da Civilização Comunal, na Itália da Baixa Idade Média, o Humanismo e o Renascimento, o nascimento da Ciência Moderna entre os séculos XVI e XVIII, o Iluminismo e o pensamento Revolucionário do século XVIII, a poética Romântica e mesmo o

movimento proletário dos séculos XIX e XX: todos esses movimentos foram profundamente marcados pela influência dos Estudos Clássicos. Também não é ocioso recordar aqui que três dos pensadores que mais marcaram a nossa história contemporânea desde o final do século XIX até os dias de hoje, Marx, Nietzsche e Freud, tiveram suas obras marcadas pela influência da literatura e do pensamento clássicos. Em sua tese de doutorado, defendida em Iena (Alemanha), em 1841, Marx discutiu a *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e Epicuro*. Nietzsche, que foi professor de Filologia Clássica, na Basileia (Suíça), entre 1869 e 1879, escreveu seus primeiros textos sobre Homero, Teógnis e Sófocles, por exemplo, e publicou seu primeiro livro sobre *O Nascimento da Tragédia*. E a obra de Freud foi profundamente marcada pela literatura greco-latina. Basta lembrar que no seu primeiro livro mais conhecido, *A interpretação dos sonhos* (título que nos faz pensar no *Oneirokrítikon*, de Artemidoro de Daldis, autor do século II d. C.), Freud cita versos da *Eneida* (7, 312), de Virgílio como epígrafe e começa falando de Aristóteles, Macróbio e Artemidoro. Além disso, é assaz conhecido o uso que o fundador da psicanálise fez dos mitos de Édipo e de Electra, por exemplo. O que quero dizer com isso é que não é possível

2. CERRI. *Il ruolo dell'Istruzione Classica nel mondo contemporaneo*, p. 391.

entender a nossa época sem um retorno às fontes antigas, já que três dos pensadores que mais influenciaram os debates intelectuais dos últimos 150 anos fizeram isso, ou seja, voltaram às fontes antigas e produziram releituras de temas antigos a fim de propor respostas e interpretações originais para questões importantes de sua e nossa época.

- 5• Não estou querendo dizer que devemos virar as costas para nossas heranças indígenas e afrobrasileiras, para cultivarmos somente nossas raízes europeias. Não. Acho que há muitos aspectos das culturas autóctones e de origem africana que devem, sim, ser valorizados e inclusive comparados com dados culturais dos povos da Antiguidade. Porém, acredito que o fortalecimento dos Estudos Clássicos não provocará o enfraquecimento ou o apagamento dessas heranças, mas, muito pelo contrário, levará a uma reflexão melhor abalizada sobre a nossa identidade brasileira e acabará nos levando à nossa 'Independência Intelectual'. Afinal, é através do convívio e do contraste com o outro que nos tornamos quem somos.³
- 6• Sendo assim, além da reintrodução paulatina do latim e como atividade complementar nas escolas de ensino

fundamental e médio, o que mais deveríamos fazer? Acredito que precisamos criar uma coleção comparável a uma Loeb, uma Teubner, uma Belles Lettres, uma Gredos: uma espécie de *Classica Brasiliana*. Acho que já temos muitas traduções de Homero, Platão e das tragédias mais famosas como *Édipo Rei* e *Medeia*. Contudo há muitos textos importantes que precisamos traduzir: as *Helênicas*, de Xenofonte; a *Descrição da Grécia*, de Pausânias; o tratado *Sobre a composição dos nomes*, de Dionísio de Halicarnasso; e o *Banquete dos Sábios*, de Ateneu de Naucrátis, para dar só alguns exemplos. Além de criar uma coleção com textos que ainda não foram traduzidos para o português, há ainda duas coisas que precisamos aprender a fazer: edições críticas dos textos originais e edições comentadas, com muitas notas, introduções e comentários alentados. Isso visando não as modas e vogas intelectuais de países como Inglaterra e França, por exemplo. Não. Precisamos pensar nas nossas necessidades específicas de brasileiros, que vivem num país periférico de desenvolvimento interrompido e que têm características culturais e sensibilidade específicas. Precisamos pensar naquilo de que nós necessitamos. E acho que nós precisamos disso: traduzir os textos que ainda não existem em português e desenvolver as nossas próprias leituras, nossas

3. Sobre isso, ver o texto de Rafael Silva, que propõe uma leitura crítica das fontes clássicas: SILVA. *A dubiedade da persona de Safo*.

próprias interpretações dos textos antigos. Acredito que isso nos levará à nossa Independência Intelectual, que, por sua vez, acabará nos conduzindo a refletir sobre a nossa própria cultura e sobre como devemos nos comportar dentro do nosso país e nas relações que temos com os outros países do mundo, especialmente com os chamados países desenvolvidos. Além disso, creio que, voltando às bases greco-latinas e conquistando nossa Independência Intelectual, estaremos aptos também a travar um diálogo verdadeiramente qualificado com nossos parceiros europeus e estadunidenses, no que diz respeito a questões conceituais e epistemológicas.

- 7• Digo isso porque julgo que os intelectuais dos países ricos não têm muito respeito pela nossa produção intelectual.⁴ E acho também que boa parte da nossa produção não merece mesmo muito respeito. Bom, então, como se fazer respeitar? Acho que é preciso produzir de forma consistente e contínua artigos e livros com temáticas que interessem a nós brasileiros.⁵ Para isso, em primeiro lugar, penso que é necessário amar a língua portuguesa e tratá-la com carinho. Digo isso porque é muito comum encontrar textos mal escritos ou mal editados até por editoras respeitadas como Perspectiva, Annablume ou Edusp. Nós temos defeitos de formação.

Nossa escola primária e nossa escola secundária, de modo geral e quando comparadas com as escolas de outros países, são ruins e muitos estudantes que conseguem passar no vestibular não conseguem ter uma boa formação, mesmo depois de passar pelo ensino superior. O que fazer então? Acho que precisamos voltar às bases, fazer o básico, voltar ao princípio da Cultura Ocidental para que nossos estudantes tenham uma boa formação e para que eles entendam bem a história da língua portuguesa e a história do Brasil.

- 8• Dentro dessa perspectiva, seria muito importante desde já fazer uma espécie de repertório das obras das literaturas grega e romana que já existem em tradução em língua portuguesa no Brasil e em Portugal (e quem sabe até em outros países lusófonos.⁶ A partir desse trabalho de catalogação, nós, professores de Universidades que contam com programa de Pós-Graduação com especialização em Estudos Clássicos, deveríamos estimular nossos alunos e orientandos a traduzir e estudar obras ainda pouco abordadas no nosso país.
- 9• Precisamos também promover estudos e escrever livros que tratem da importância dos Estudos Clássicos para a formação da cultura brasileira, especificamente

4. André Malta tem opinião semelhante à minha quanto a isso: MALTA. *Posfácio*, p. 230.

5. Sobre isso, ver: MALTA. *Posfácio*. Vejo este meu pequeno texto como uma continuação da conversa iniciada pelas reflexões de Malta.

6. Nesse sentido, Eduardo Tuffani vem trabalhando há alguns anos na elaboração de um catálogo: TUFFANI. *Elementos para um catálogo brasileiro de literatura grega (1837-2016)*. Cf. também a página <https://www.e-tuffani.com.br/>.

da literatura brasileira. É preciso mostrar como autores brasileiros como Machado de Assis, Guimarães Rosa e João Ubaldo Ribeiro foram influenciados, mesmo que de modo indireto e inconsciente, pela literatura greco-latina. É necessário escrever livros como o de Highet, porém com foco voltado para a cultura brasileira, é claro.⁷

- 10• Eu sei: propor um projeto como este no atual contexto (estou escrevendo no dia 01 de maio de 2019) soa como um sonho de nefelibata. A Universidade Pública no Brasil está sendo atacada por todos os lados, financeiramente e ideologicamente. E, em especial, as Ciências Humanas estão sob fogo cerrado, principalmente a Sociologia e a Filosofia. Numa situação como essa não parece possível arregimentar forças e reagir contra o obscurantismo que está no poder agora. Mas é justamente em momentos de crise que a criatividade humana e, sobretudo, a do povo brasileiro se manifesta. Nós classicistas também temos nossas responsabilidades e há ações que ainda podem ser levadas adiante. Basta nos organizarmos como coletividade, através da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC) e de outros fóruns, para colocar em prática nossos projetos comuns e de nosso interesse. *Per aspera ad astra.*

7. HIGHET. *The Classical Tradition*. Sobre isso, ver o seguinte título: VIEIRA E THAMOS. *Permanência Clássica*. Veja-se especialmente o capítulo escrito por Cairus, entre as páginas 125 e 143, que aborda a questão do supercânone e do uso desse conceito para tratar dos clássicos brasileiros. Cf. também: CHEVITARESE et alii (eds.). *A Tradição Clássica e o Brasil*.

REFERÊNCIAS

- CERRI, Giovanni. Il ruolo dell'Istruzione Classica nel mondo contemporaneo. **Annali dell'Istituto Orientale di Napoli** (A.I.O.N.), n° 23, 2001, p. 391-403.
- CORREA, Paula da Cunha. O latim e o grego em uma escola municipal de Ensino Fundamental. **Estudos Avançados**, n° 32 (93), 2018, p. 121-125.
- CHEVITARESE, André L.; CORNELLI, Gabriele e SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (eds.) **A Tradição Clássica e o Brasil**. Brasília: Archai-UnB/Fortium, 2008.
- HIGHET, Gilbert. **The Classical Tradition. Greek and Roman influences on Western Literature**. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- MALTA, André. Posfácio: Os Clássicos pelas beiras. In: MALTA, André. **A Musa difusa: Visões da oralidade nos poemas homéricos**. São Paulo: Annablume, 2015, p. 229-244.
- SILVA, Rafael G. T. A dubiedade da *persona* de Safo. **Anais da 14ª Semana de Letras da UFOP. 1o Simpósio Nacional de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem**. Mariana, MG: ICHS, 2016, p. 428-439.

TUFFANI, Eduardo. Elementos para um catálogo brasileiro de literatura grega (1837-2016): Homero e Platão (I). **Calíope**, nº 32, 2016, p. 24-51.

VIEIRA, Bruno V. G. e THAMOS, Márcio (Orgs.). **Permanência Clássica. Visões contemporâneas da Antiguidade greco-romana**. São Paulo: Escrituras, 2011.

Recebido em: 01-05-2019.

Aceito em: 28-05-2019.